

Os problemas de Vitória: dois enfoques

AJ20359

Entrevistas a Sylvio Costa

Vivácqua:

a solução é mudar a capital

Carlos Alberto Vivácqua, formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1969, é o responsável pelo projeto do prédio da Prefeitura Municipal de Vitória, do Praia Shopping Center, e de algumas das obras previstas no Plano Urbano de Guarapari, a rodoviária, o aeroporto e o mercado planejados para aquela cidade — além de ser o autor de projetos executados em outros Estados e no exterior (na Venezuela):

Antes de mais nada, gostaria de elogiar Vitória. Eu morava no Rio e escolhi Vitória como o lugar para criar meus filhos justamente por ela dispor de uma conformação geográfica muito bonita: a ilha, com praias e montanhas. É uma cidade com possibilidades, portanto, de proporcionar a todos uma ótima qualidade de vida, enfim, com as características de uma cidade que tem tudo para ser agradável. Mas, para que isso aconteça efetivamente, ela tem que ser bem cuidada.

E o descuido em relação à cidade começa com o tratamento que ela tem recebido em termos de obras que aqui se implantam. Estão sendo construídas aqui coisas terrivelmente feias. Na verdade, nossa arquitetura está sendo levada adiante à base de construções executadas de uma forma bastante feia. Corremos o risco de não criarmos uma arquitetura própria. Não temos nenhuma unidade visual, você não consegue identificar algo de unificado em nossa arquitetura. Juntam-se obras feias, construídas sem critério, executadas, talvez, por força da ânsia que há em torno da especulação imobiliária. Em termos visuais, Vitória não agrada. Há poucas obras que realmente representem um trabalho significativo em termos de arquitetura.

Diante disso, o caminho para solucionar este problema da falta de unidade visual da cidade seria a valorização dos arquitetos, que realmente



“Com a CST, haverá menos segurança, menos solidariedade na cidade”.

nenhuma infra-estrutura, tudo padronizado. Não basta construir casas. Pode-se tomar como exemplo a Prefeitura de Campinas, que, em vez de fazer isto, projetou um conjunto habitacional que eu conheci, com coreto, bandas de música, campo de futebol... É a maior preocupação que se crie uma infra-estrutura de lazer em Vitória, principalmente nesses conjuntos. Se o trabalhador — principalmente o de construção civil — que tem uma enorme visão de espaço, está sempre condicionado a ver grandes fábricas, grandes áreas — fica fechado dentro de uma casa dessas construídas pela Cohab, Inocoop; como ele vai extravazar sua agressividade? Se ele não tem um campo de futebol para bater uma bola, e, assim, liberar sua violência latente, ele só tem uma alternativa: bater na filha, na mulher, que é o que ele encontra fechado dentro de casa. Termina agredindo seus amigos, as pessoas de quem ele gosta. Um dos maiores índices de

Bettarello:

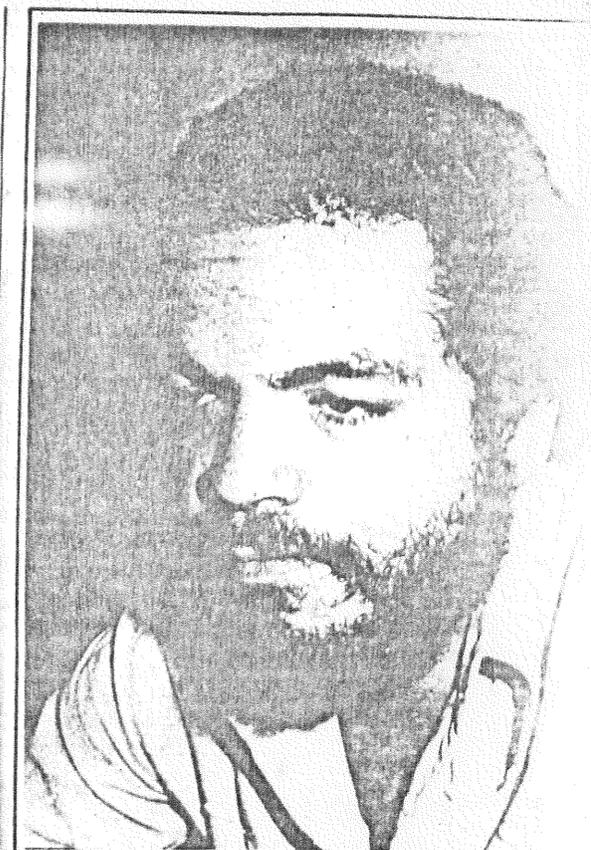
descentralizar as atividades

Fernando Bettarello, formado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Santos em 1974 e pós-graduado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília é professor na Ufes e assessor-técnico da Fundação Jones dos Santos Neves. Ali ele coordenou a elaboração do Plano Diretor Urbano (PDU) de Vitória, que depende da aprovação da Câmara Municipal — para onde o plano deve ser encaminhado após o recesso que começa dia 26 — para tornar-se lei:

“É difícil vislumbrar Vitória isolada da Grande Vitória. Você não pode ver a cidade sozinha, tem sempre que levar em conta a Grande Vitória para examinar os problemas da Capital. Na Grande Vitória, são cinco municípios diferentes com organizações político-administrativas diferentes, mas que confluem para um ponto único: Vitória, que é o centro da aglomeração em função dos equipamentos de educação, saúde, dos serviços disponíveis aqui.

Assim, o primeiro grande problema de Vitória é exatamente o fato dela ser o centro que atrai pressões de toda a Grande Vitória, o que é determinante no aparecimento de muitos dos nossos principais problemas. Este é o ponto principal. Então, você não pode resolver o problema de tráfego de Vitória mexendo só aqui. Tudo isso em função da forma como se dá a aglomeração urbana na Grande Vitória.

Vitória, em termos de uso de solo, sofre pressões em seu miolo tanto na periferia, da zona residencial da cidade, quanto dos outros municípios da Grande Vitória, exercendo forte poder de atração em razão do setor terciário aqui estabelecido. Então, temos o centro de Vitória, onde a cidade nasceu, com a aglomeração originária de sua periferia. Ao lado há Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana, todos municípios com áreas vazias, em alguns casos, grandes áreas vazias. Nós temos proposto, então a criação de centros de animação em cada uma dessas



“As pressões que Vitória sofre da periferia são seu maior problema”

Ao mesmo tempo, temos nos preocupado com o impacto que os “grandes projetos” trarão para o Estado, particularmente para a Grande Vitória. E ocasionarão o aumento da população com a migração de pessoas que viriam para cá em busca de emprego. Há o problema de tráfego, de circulação entre o centro industrial e as áreas residenciais e entre o centro industrial e as áreas terciárias. O setor terciário também será atingido, na medida em que se considerar que para cada emprego na indústria surgem quatro neste setor. Diante disso, propomos que se criem medidas para ordenar o crescimento do setor terciário, distribuindo o desenvolvimento no campo entre os diversos centros de animação, e, por sua vez, impedirá uma maior circulação de veículos dos municípios periféricos da Grande Vitória aqui. Através da criação destes centros de animação, queremos também criar um fenômeno que irá

executadas, talvez, por força da ansiedade em torno da especulação imobiliária. Em termos visuais, Vitória não agrada. Há poucas obras que realmente representem um trabalho significativo em termos de arquitetura.

Diante disso, o caminho para solucionar este problema da falta de unidade visual da cidade seria a valorização dos arquitetos, que realmente estão sendo desprestigiados em Vitória. Desta forma, poderemos deixar de ver esta infinidade de coisas de mau gosto, de baixa qualidade que encontramos atualmente. E uma das coisas que têm sido constantemente reivindicadas pelos arquitetos é exatamente a sua valorização, como profissional, pela sociedade. Neste sentido, já é um passo a criação do curso de Arquitetura na Ufes, que nos deixa a esperança de que brevemente esta reivindicação se concretize na prática.

Outro problema da cidade que eu destacaria, além da questão da desarrumação visual de Vitória, é o da insegurança. E, vale dizer, uma cidade feia, mal arquitetada, que não sabe aproveitar o espaço disponível é sempre uma cidade insegura. E, a este respeito, preocupa muito o fato de Vitória estar para receber um enorme contingente de mão-de-obra não-qualificada, os trabalhadores que chegarão ao Espírito

“Estão sendo construídas obras terrivelmente feias em Vitória. Não temos nenhuma unidade visual em termos de arquitetura. Corremos o risco de não criarmos uma arquitetura própria da cidade”

to Santo para alimentar a Companhia Siderúrgica de Tubarão e as outras indústrias que aqui se estabelecerão.

A cidade não está preparada para isto. E este problema envolve diretamente a questão da humanização da cidade. Representa a confirmação da Grande Vitória — e também de Vitória, que é o centro de atenções desta região — como um centro metropolitano de grande adensamento populacional. Hoje, Vitória difere muito dos grandes centros urbanos do País. Aqui, se você vai até um boteco, enche a cara e fica caldo na rua, alguém vem te socorrer. Pergunta de quem você é parente, te reconhece pelos seus laços de amizade ou de parentesco, te leva até sua casa, isso tudo. No Rio, em São Paulo, não é assim não! Lá, você caiu, tudo bem. Só que ninguém te reconhece.

Este é o grande perigo desta fase de grande crescimento populacional na qual devemos ingressar. A cidade fica menos segura, há menos solidariedade entre as pessoas, aumenta o índice de criminalidade... Para que isto não ocorra, tem que se criar uma infra-estrutura de lazer, uma infra-estrutura cultural que não deixe diminuir o entrosamento entre as pessoas. É preciso, por exemplo, que o Governo crie setores de habitação em que os trabalhadores não se sintam marginalizados.

E estou falando não em quantidade de casas ou de conjuntos habitacionais, que isto não importa. O que importa é a qualidade destes conjuntos. Que sejam conjuntos onde haja um campo de futebol, uma escola, uma área para o lazer, para a cultura. E não este monte de casas que o Governo constrói sem

áreas — fica fechado dentro de uma casa dessas construídas pela Cohab, Inocoop; como ele vai extravazar sua agressividade? Se ele não tem um campo de futebol para bater uma bola, e, assim, liberar sua violência latente, ele só tem uma alternativa: bater na filha, na mulher, que é o que ele encontra fechado dentro de casa. Termina agredindo seus amigos, as pessoas de quem ele gosta. Um dos maiores índices de criminalidade é gerado a partir daí nos centros metropolitanos e, dentro de algum tempo, pode acontecer isso aqui em Vitória.

Além disso, Vitória, para ser melhor tratada, melhor ordenada em termos urbanísticos, precisa ter um plano-diretor. Poderia até ser este PDU que foi encaminhado recentemente à Câmara de Vereadores, só que com meia dúzia de reaperitos em alguns parafusos que estão frouxos. Agora, o último plano que nós temos é de 1954. Se a Prefeitura não tem um plano-diretor, a população não pode cobrar dos administradores uma atitude, a execução de um projeto prometido. A sociedade fica, então, omissa, ao mesmo tempo em que os administradores permanecem sem compromissos definidos para com ela. Esta é uma das carências principais da cidade.

Aliás, há uma cobrança que eu faria às autoridades, entre várias outras. É sobre o centro de Vitória, o miolo do município em que estão localizados o Palácio Anchieta, a aquelas praças, habitações de estilo colonial, etc. É a chamada “cidade velha”. São obras, das poucas obras de grande valor arquitetônico existentes em Vitória. Aquilo tem que ser preservado. O Governo tem que ter peito para preservar a memória cultural da cidade através da conservação daquele setor da cidade.

Finalmente, teria que abordar o problema da saturação da cidade, do nível de aglomeração que estamos vendo em Vitória. O Governo deveria se preocupar urgentemente em criar um novo centro administrativo no Estado, porque hoje ele nem ao menos existe. Estamos chegando a um ponto em que teremos que fazer uma nova sede administrativa. Temos que, inicialmente, interiorizar o desenvolvimento do Estado, e, numa outra etapa, teremos que mudar a capital. Teremos que criar uma nova sede, com toda uma infra-estrutura — serviços, aeroporto, sistema viário... — no Estado. O Maluf, na minha opinião, está certinho: tem mesmo que mudar a capital, como já foi feito várias outras vezes no País.

Acredito que dentro de, no máximo, cinco anos já começa a se planejar uma nova capital. Vitória já é um centro de aglomeração e tende a ficar cada vez mais saturada. Não adianta nada criarmos medidas paliativas, para curtíssimo prazo. É fundamental, na arquitetura, a perenidade. Como é o caso de Brasília. Não estou me referindo a esbanjamentos; falo de qualidade, perenidade, o que é fundamental em qualquer trabalho. Veja: o prédio da PMV, quando foi construído, há seis anos, custou; o que na época era um absurdo, Cr\$ 12 milhões, o que é gasto hoje numa casa residencial de melhor padrão. No entanto, está aí. E vai durar muito tempo. Os projetos têm que ser perenes. Este pensamento de fazer porcaria porque o Estado não tem dinheiro, não admito. Então, não faz. Fazer porcaria é que é perder dinheiro.

Você, assim, estaria resolvendo quase que para sempre um problema que continuaria nos incomodando por muito tempo. Evidente, o custo inicial seria alto. Mas se o Estado vendesse algumas das áreas que ocupa atualmente no centro para construir numa terra que já fosse sua — em Guarapari, na “Cidade do Sol”, onde a Comdusa fez um loteamento, há uma enorme área do Estado que não está ocupada com nada — até que se conseguiria uma enorme quantidade de recursos para fazer isto. E, com um centro administrativo bem planejado, o centro de Vitória poderia ficar com a iniciativa privada, com outras atividades. Não há solução: mais cedo ou mais tarde isto terá que ser feito”.

setor terciário aqui estabelecido. Então, temos o centro de Vitória, onde a cidade nasceu, com a aglomeração originária de sua periferia. Ao lado há Vila Velha, Cariacica, Serra e Viana, todos municípios com áreas vazias, em alguns casos, grandes áreas vazias. Nós temos proposto, então a criação de centros de animação em cada uma dessas cidades: no centro de Vila Velha, em Carapina, em Campo Grande e em Viana. Procuramos, desta forma, criar nesses locais um crescimento no setor de comércio e serviços que, à medida em que for se desenvolvendo, irá absorvendo o pessoal que hoje vem a Vitória à procura disso.

Nós teríamos, ao mesmo tempo, a interpolarização entre esses centros de animação. Por exemplo, entre Vila Velha e Praia do Suá — onde, segundo propomos no PDU, será criada uma área de localização de equipamentos institucionais — através da Terceira Ponte, e, daí, ligando a Serra e assim por diante. De acordo com esta proposta, que tem aparecido em quase todos os projetos da Fundação, cada uma dessas cidades teria uma infra-estrutura de serviços destinada a reter seus moradores ali mesmo, para, em sua própria cidade, atenderem suas necessidades no que diz respeito ao setor terciário.

Na verdade, ainda há muito espaço a ser ocupado na Grande Vitória. Trata-se de saber aproveitar este espaço, de organizar o uso deste solo. Há grandes

“É muito bonita a arquitetura de Vitória. O contraste que há entre o antigo, que é a nossa herança colonial, e o novo é muito interessante. Conta a história da própria cidade”.

áreas vazias em Vila Velha, Cariacica e Serra. Em Vitória, não há grandes áreas, mas ainda há espaço para ser ocupado. Sua população, que atualmente está em torno de 175 mil habitantes será, com uma média de crescimento anual de 2,7 por cento, de aproximadamente 270, 280 mil habitantes no ano 2000, segundo se espera, o que está bem abaixo daquilo que pode suportar. Então, temos como aproveitá-la durante muito tempo.

Segundo cálculos incluídos no PDU, a Grande Vitória — excluindo as áreas dos morros localizados acima da cota 50, dos mangues e das manchas urbanas — dispõe de 7 mil hectares de terra ainda não ocupada. Isso aí daria para 1.500.000 pessoas, contando-se a faixa de terra situada entre Jucu, o contorno da BR-101 e Jacaraípe. A população esperada para o ano 2000 para a Grande Vitória é em torno de 900 mil habitantes, enquanto hoje temos cerca de 570 mil habitantes. Enfim, espaço não falta, pelo menos por enquanto.

Quanto à hipótese de que a Grande Vitória ou a cidade de Vitória estaria próxima à saturação, é bom dizer o seguinte: você não faz planejamento para acima de 10 anos. Caso contrário, trata-se de exercício de futurologia. E, por esses dados, dá para se verificar que estamos muito longe da saturação. Por isso, em termos de aglomeração, estamos tentando criar condições para promover um trabalho de descentralização das atividades de Vitória para outros municípios. Sem a preocupação de que não adianta criar centros de animação aqui ou ali porque são áreas próximas à saturação. Dentro de critérios técnicos, é impossível você justificar a transferência da capital ou outras medidas do gênero. Aí, não é um problema técnico. É um problema de opção política.

surgem quatro neste setor. Diante disso, proponho que se criem medidas para ordenar o crescimento do setor terciário, distribuindo o desenvolvimento no campo entre os diversos centros de animação, o que por sua vez, impedirá uma maior circulação de veículos dos municípios periféricos da Grande Vitória aqui. Através da criação destes centros de animação, queremos também evitar um fenômeno que já está começando a ocorrer em Vitória: o crescimento do setor terciário se dirigir para as zonas residenciais da cidade, já que, no miolo, não há mais possibilidades de crescimento. Queremos preservar as áreas residenciais da cidade, fazendo com que estes avanços do setor em direção a estas áreas se voltem, não para a região, mas para os centros de animação que estão sendo propostos.

Além desses problemas, relacionados com a organização do uso do solo, há problemas específicos em Vitória: na área de saneamento básico, por exemplo, Vitória não tem esgotos sanitários. Os esgotos são despejados nos drenos pluviais, que desembocando na baía, causam os problemas de poluição que têm sido registrados nas praias.

Há também a questão do lazer, sobre o que nós fizemos, inclusive um projeto específico aqui na Fundação, sugerindo que se criem grandes áreas para o lazer. Em Camburi, onde há uma área de vegetação que seria aproveitada para a criação de um parque zoológico. O mesmo se faria no Aterro do Suá, na Ilha do Príncipe, em Santo Antônio — algumas propostas também inseridas no plano-diretor. Outra idéia é a de diminuir, em locais onde não haja espaço para o lazer, a faixa dos automóveis, aumentando assim o espaço das calçadas, onde seriam criadas pequenas áreas de lazer, com equipamentos e playground.

Quanto à arquitetura da cidade, você tem o início da ocupação do espaço de Vitória, de 1850 a 1900, no Centro e em Santo Antônio. Depois, começa a se dirigir a ocupação para Jucutuquara, Praia do Canto, esse lado da cidade. Mais tarde, há os aterros na parte baixa da cidade, próximos ao porto. Nessa época, há o café, gerando riquezas e fazendo crescer a ocupação do município em todas as direções. Quando quiser, você tem o retrato de várias épocas na arquitetura. Uma colonial, na parte alta da cidade, na qual se vai do Maria Ortiz até a Catedral e o Parque de Caxias até a Gama Rosa. Esta arquitetura bastante significativa, é um legado histórico, que deve ser preservado para ser conhecido pelas futuras gerações. Depois, há uma arquitetura nova, sem nenhuma significação da primeira, mas que forma um contraste muito bonito entre o antigo e novo.

A cidade é o reflexo da sociedade num determinado espaço. Se você entender um pouco de economia e de história, você, levando em conta o espaço e a forma da cidade, terá um retrato da própria cidade e de seus períodos históricos... Através deste contraste velho/novo, você faz uma leitura de como se organizava a cidade antigamente e como se organiza hoje. Se você pega a Praia do Canto, você vê como a sociedade organiza a sociedade sem pensá-la como um todo, sem preocupar-se com o social. Leva-se apenas em conta o econômico em função do qual o espaço é maximizado. É muito bonita a arquitetura da cidade. D uma idéia da própria história de Vitória”.

Um é arquiteto urbanista com experiência no serviço público. O outro, profissional liberal. A partir daí, as diferenças de opinião entre os dois são inúmeras. A visão que têm sobre a cidade de Vitória — seus principais problemas — e as sugestões que dá para solucioná-los são totalmente diversas.

Carlos Alberto Vivacqua e Fernando Bettarello são iguais em um único ponto: ambos são técnicos, arquitetos com íntimo convívio com a cidade, acostumados que estão em projetar o espaço, pensá-lo de forma racional e organizada. Ambos com condições, portanto de falar criticamente sobre a situação atual da cidade.